

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

MARIA AUXILIADORA BATISTA EVANGELISTA ACIOLE,
MARIA WANDERLEY CLEMENTINO LEITE,
MARIANA ALVES DE AZEVEDO VERAS,
REJANE MELO GUERREIRO SILVA,
VIRGÍNIA LUÍZA DE MELO GARCIA

DO MUNDO DOS CONTOS DE FADAS PARA A LEITURA DO MUNDO

Brasília, 2006

MARIA AUXILIADORA BATISTA EVANGELISTA ACIOLE,
MARIA WANDERLEY CLEMENTINO LEITE,
MARIANA ALVES DE AZEVEDO VERAS,
REJANE MELO GUERREIRO SILVA,
VIRGÍNIA LUÍZA DE MELO GARCIA.

DO MUNDO DOS CONTOS DE FADAS PARA A LEITURA DO MUNDO

Projeto de TCC apresentado ao Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as séries iniciais do ensino fundamental – Projeto Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, como parte das exigências para a conclusão da disciplina Monografia I.

Orientador: Antônio Cezar Nascimento de Brito

Brasília, 2006

EPÍGRAFE

“Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se despertam consciência”.

Jean de La Fontaine.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom e a graça de viver, ser e fazer alguém feliz.

Aos mestres pela sabedoria, em especial, ao nosso orientador Professor Antônio Cezar pelo apoio incondicional.

Às nossas famílias pelo desprendimento, ternura e afeto nas horas difíceis.

Aos amigos pela companhia fraterna na jornada.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a nossas famílias, aos nossos amigos e a todos que sempre acreditaram em nós. E dedicamos também aos amantes da leitura, principalmente àqueles que gostam de uma bela história.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é, por meio dos Contos de Fadas, promover a relação entre os contos de fadas e o processo de aquisição de uma leitura de mundo crítica e reflexiva, despertando nos alunos o hábito da leitura e da escrita. Nesta pesquisa foram realizadas observações em turmas da 3ª série do Ensino Fundamental que trabalham com a leitura dos contos de fadas e turmas que não realizam essa tarefa, e análises da leitura de mundo que eles apresentam, por meio do método dos protocolos verbais. Os resultados apontam que a literatura infantil, em especial os contos de fadas, é um recurso didático excelente por natureza, que por meio dele pode-se abordar os mais diversos assuntos referentes ao comportamento humano e aplicar as mais variadas formas de compreensão da língua, da leitura e do conhecimento de mundo.

Palavras-chave: Contos de Fadas; Leitura de Mundo; Desenvolvimento humano.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	07
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1.	A LITERATURA INFANTIL	09
2.2.	OS CONTOS DE FADAS	11
2.3.	DO MUNDO DOS CONTOS DE FADAS PARA A LEITURA DE MUNDO	15
3.	ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	18
3.1.	RELATO DAS ATIVIDADES	18
3.2.	O QUE SÃO PROTOCOLOS VERBAIS	19
3.3.	OBJETIVO DA REALIZAÇÃO DE PROTOCOLOS VERBAIS	20
3.4.	DESCRIÇÃO DE PROTOCOLOS VERBAIS	21
4.	ORGANIZAÇÃO, ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS	22
4.1.	PROTOCOLOS VERBAIS E ANÁLISES DO CONTO “UMA IDÉIA TODA AZUL”, DE MARINA COLASANTI	22
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1. INTRODUÇÃO

Na literatura infantil o indivíduo cria, recria, desperta sua imaginação e identifica a relação que há entre o imaginário e o real. Ele interage com os textos, formula seus questionamentos, realiza suas reflexões e constrói o seu aprendizado. Os contos de fadas dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, podendo também, auxiliá-la na conservação dos valores e na promoção da inclusão social (do convívio com o outro).

Ao observar alunos na sala de aula, percebe-se que muitos não demonstram interesse pela leitura, não sabem trabalhar com as diferenças, evitando o trabalho em grupo e a socialização. A partir da necessidade de refletir sobre as diferenças que há entre os indivíduos e sobre o respeito a esta diversidade, estimulando os sentimentos, os valores e a socialização, decidiu-se intervir na situação trabalhando com a literatura infantil, em especial os contos de fadas, com suas histórias fascinantes que também falam de personagens diferentes, no entanto, não menos importantes que as demais.

Este trabalho tem como tema “Do mundo dos contos de fadas para a leitura do mundo”. Desse modo, a pergunta que norteou esta pesquisa é “Como os contos de fadas podem interferir na leitura de mundo do indivíduo nas séries iniciais?”.

Em consonância com a hipótese, o objetivo geral é promover a relação entre os contos de fadas e o processo de aquisição de uma leitura de mundo crítica e reflexiva. E os objetivos específicos são reconhecer a origem dos contos de fadas; identificar a infra-estrutura dessas narrativas e os conteúdos temáticos; identificar os principais autores dos contos de fadas; levar o aluno a perceber a interferência da leitura dos contos de fadas na forma de leitura de mundo do indivíduo; proporcionar ao aluno o conhecimento da diversidade natural, física e sociocultural apresentadas nos contos de fadas.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa apoiada em autores como Bettelheim (1980), Lajolo (1997), Félix (2004), entre outros. Também serão realizadas observações em turmas da 3ª série do Ensino Fundamental que trabalham com a leitura dos contos de fadas e turmas que não realizam essa tarefa, e análises da leitura de mundo que eles apresentam. Essa análise será realizada pelo método dos protocolos verbais baseada na coleta de dados, que se resume em o pesquisador pedir ao sujeito que pense alto enquanto realiza uma tarefa, no caso, a leitura de um determinado Conto de Fadas e um comentário sobre o conto e o mundo em que vive.

Visando, portanto, a boa organização, o trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução; o segundo, a fundamentação teórica desta pesquisa; o terceiro, as orientações metodológicas que abrange os protocolos verbais; o quarto, corresponde a organização, análise e discussão dos dados e o quinto capítulo destinado às considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A LITERATURA INFANTIL

A palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba, é arte e deleite. Sendo assim, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquela que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele.

É, no entanto, com qualquer forma de literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, compreendendo o mundo e assim vivendo melhor.

De acordo com Lajolo

É a Literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias.(1997, p.106).

Por meio da literatura, das vivências que ela oferece, o indivíduo entende o mundo no qual vive e percebe-se como ser atuante e responsável pelo desenvolvimento do mesmo. Ela proporciona ao homem uma visão mais completa e crítica de sua realidade ao possibilitar que por intermédio da imaginação ele interaja com seu cotidiano, com o mundo das coisas e dos outros.

A literatura infantil também se comunica com seu leitor, abordando fatos com os quais o leitor vive cotidianamente. Não importa se a fantasia exceda a expectativa do indivíduo, se as circunstâncias de espaço e tempo estão distanciadas dele, a literatura infantil sempre estará se comunicando com o seu destinatário atual, pois ainda retrata seu mundo, com todas as características presentes nele, com as dificuldades e as soluções. No entanto, além de

apresentar essa similaridade com o mundo do leitor, a literatura infantil o ajuda a conhecê-lo melhor e a modificá-lo.

A criança carece do conhecimento de si mesma e do ambiente no qual está inserida, partindo do seu ambiente familiar e seguindo-se do que a rodeia como a história e a vida social. A literatura irá ajudar a criança a expandir sua visão de mundo utilizando uma linguagem simbólica, mas que permite ao leitor reconhecer o contexto do qual faz parte, relacionar às situações vivenciadas e identificar possíveis interferências e mudanças.

A literatura infantil fornece ao leitor um conhecimento do mundo e do ser, por intermédio da fantasia criada pelo escritor. Ou seja, é por meio da fantasia e do imaginário que o leitor vai formando suas concepções de mundo, aprende a lidar com novas situações que lhe são exigidas, reconhece a participação dos indivíduos na formação social, desperta sua criatividade e promove seu desenvolvimento pessoal.

A fantasia, embora preencha as lacunas que o indivíduo apresenta durante sua infância com relação ao mundo devido não possuir um conhecimento concreto do real ajudando-o a ordenar suas novas experiências, não pode deixar de apresentar possibilidades e necessidades condizentes com a realidade.

Segundo Zilberman

A literatura infantil possui um tipo de leitor que carece de uma perspectiva histórica e temporal que lhe permita pôr em questão o universo representado. Por isso, ela é necessariamente formadora, mas não educativa no sentido escolar do termo; e cabe-lhe uma formação especial que, antes de tudo, interrogue a circunstância social de onde provém o destinatário e seu lugar dentro dela. (1997, p.106).

A literatura ocupa uma função determinada na vida infantil que é a de orientar a formação da criança. Por meio dela, o pequeno leitor tem acesso a

diferentes normas de comportamento, formas de decodificar o mundo em que vive integrando-se e adequando-se a ele. É por meio das verbalizações das personagens, das situações que elas enfrentam e das possíveis sugestões que elas apresentam que a criança abstrai, de forma bem própria, suas dificuldades que impedem seu crescimento.

A literatura infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. E para investir na relação entre a interpretação do texto literário e a realidade, não há melhor sugestão do que obras infantis que abordem questões de nosso tempo e problemas universais inerentes ao ser humano, que juntem o imaginário ao real, como ocorre nos contos de fadas.

Segundo Garcez (*apud* PAZOS)

As histórias provocam atividade mental intensa, a criança ouve de forma ativa, interage com o narrador e os personagens e reage, fazendo antecipações, hipóteses, inferências que possibilitam o desenvolvimento das capacidades de linguagem importantes para a compreensão de textos mais complexos.(2004, p.71).

Ouvir histórias, manter contato com o livro infantil, dramatizar e discutir acerca das histórias torna-se essencial para o aprendizado da criança. Ela desenvolve sua capacidade mental, sua habilidade de assimilação e de aquisição de novos saberes. Por isso trabalhar com histórias que impressionem, que promovam relações entre o real e o irreal, o mágico, o fantástico e o maravilhoso. Por isso, trabalhar com os contos de fadas.

2.2. OS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas são uma variação dos contos populares, que surgiram a partir dos mitos e tradições orais narrados para animarem as noites dos camponeses durante a Idade Média. Histórias como Chapeuzinho Vermelho,

Cinderela, João e Maria, A Bela Adormecida, entre outras eram contadas para adultos. Com o passar do tempo, tornaram-se um gênero literário muito cultivado nas cortes até que Charles Perrault (França), Jakob e Wilhelm Grimm (Alemanha) mais conhecidos como “Os irmãos Grimm”, Hans Christian Andersen (Dinamarca), os transcreveram e publicaram destinando-os ao público infantil, transformando-os em sinônimos de literatura infantil. (ZILBERMAN, 2003).

Os contos de fadas costumam iniciar-se com uma situação difícil que atinge diretamente o herói ou a heroína, o qual passa a lidar com o desconhecido, o medo, o sofrimento. O herói depara-se em um plano simbólico com diversos obstáculos e perigos como abandono, bruxas, dragões, lobo mau, entre outros. No entanto, ele busca formas de solucioná-los e supera esses obstáculos contando com a ajuda de um mediador. O herói sofre uma transformação de seu comportamento, sendo esse processo considerado como “rito de passagem”.

Para Marthe Robert (*apud* Melo)

Ele (o conto de fadas) descreve essencialmente uma passagem – passagem necessária, difícil, cheia de mil obstáculos, precedida de provações aparentemente insuperáveis mas que tem um final feliz apesar de tudo. Sob as fabulações mais inverossímeis, desponta sempre um fato bem real: a necessidade um indivíduo passar de um estado a outro, de um tempo a outro, de se formar através de metamorfoses dolorosas que só terminam com seu acesso a uma verdadeira maturidade.(2001, p.19).

Os contos trazem conflitos que pertencem à vivência humana e que existem em diversas gerações. Eles trabalham com o conteúdo humano, com aquilo que muitas vezes fica escondido como angústias, rivalidades, inferioridade, separação, insegurança. Desta forma, o conto de fada irá mostrar às crianças que a vida trará algumas dificuldades e que a luta e a descoberta não acontecem da noite para o dia, de uma maneira simbólica permitindo que a criança no convívio com as narrativas encontre-se com os heróis e heroínas compartilhando de seus sentimentos e emoções e solucionando as dificuldades encontradas. O herói ou a heroína passa por diversas provas e essas devem ser realizadas por eles

mesmos: “A única forma de nos tornarmos nós mesmos é através de nossas próprias realizações” (BETTELHEIM, 1980, p.173).

Mas por que os contos de fadas impressionam tanto? Porque suas histórias são instigantes. Não há como alcançar completamente seu sentido em termos puramente intelectuais, fato que nos desperta a percepção intuitiva, a fantasia – irracional. Não se trata de acreditar nos feitos heróicos e nos encantamentos que as estórias descrevem. Essas coisas não são verdades objetivas, mas, sim, são verdades subjetivas narradas na linguagem dos símbolos.

Essas histórias e mitos não passarão através do crivo das exigências racionais, evidentemente. Contudo isso não impede que atinjam outras faixas para além do consciente. Obscuramente o homem pressentirá que ali se espelham acontecimentos em desdobramento no seu próprio e mais profundo íntimo. São essas ressonâncias que fazem o eterno fascínio dos contos de fada.

Divididos entre o bem e o mal, representados por príncipes, fadas e também por monstros, lobos e bruxas apavorantes, os contos de fadas encantam as crianças e os adultos desde a sua criação, que data da época medieval. Mas a sua função não pára aí, pois além do entretenimento, transmitem ainda valores e costumes e ajudam a elaborar a própria vida através de situações conflitantes e fantásticas.

É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações. Quando essas histórias são apresentadas às crianças, os personagens podem ajudá-la a se tornar mais sensíveis. A fantasia é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. Nessas histórias, a criança se identifica facilmente com os problemas dos personagens e ao mergulhar com prazer no faz-de-conta dão vazão às próprias emoções.

De acordo com Bettelheim

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – a ao abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (1980, p.19).

Os contos de fadas são expressões cristalinas e simples de nosso mundo psicológico profundo. De estrutura mais simples que os mitos e as lendas, mas de conteúdo muito mais rico do que o mero teor moral encontrado na maioria das fábulas são os contos de fadas a fórmula mágica capaz de envolver a atenção das crianças e despertar-lhes (idem nos adultos sensíveis) sentimentos e valores intuitivos que clamam por um desenvolvimento justo, tão pleno quanto possa vir a ser o do prestigiado intelecto. (Abramovich, 2001).

Todos os problemas e ansiedades infantis, como a necessidade do amor, do medo e do desamparo, da rejeição e da morte, são colocados nos contos em lugares fora do tempo e do espaço, mas muito reais para crianças. A solução que é, geralmente encontrada na história e quase sempre leva a um final feliz, indica a forma de se construir um relacionamento satisfatório com as pessoas ao redor, mesmo que elas sejam diferentes.

Os contos de fada são histórias “recheadas” de idéias abstratas e figurações extraídas do real. Sobre a importância dos contos de fada para a criança, Bettelheim (1980, p.32) defende:

Os contos de fada, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter. (1980, p.32).

Por meio do uso dos contos de fadas, o educador poderá auxiliar o indivíduo na convivência com o diferente, promovendo o desenvolvimento de seu caráter e trabalhando sobre a diversidade e a inclusão social. Diversos personagens dessas histórias foram marginalizados ou humilhados pelo fato de serem diferentes, como foi o caso do Patinho Feio, da Fera (de A Bela e a Fera) e do Corcunda de Notre Dame.

Cabe à escola, realizar um trabalho de conscientização com as crianças acerca dos comportamentos e atitudes adquiridos e utilizar meios educativos, lúdicos e de interesse delas para desempenhar um trabalho significativo e que estabeleça uma ligação com a realidade vivenciada.

2.3. DO MUNDO DOS CONTOS DE FADAS PARA A LEITURA DE MUNDO

“Como é mesmo essa história de ser bom? E o que é exatamente ser mau? Por que tenho tanto medo? Por que ninguém gosta de mim? Por que mamãe tem que sair todos os dias para trabalhar?... Será que sou feio? O que é ser bonito? Queria que minha irmã sumisse, assim teria mamãe só para mim, mas... até que gosto dela”.

Esses e outros questionamentos que não encontram respostas em simples palavras podem ser solucionados nos contos de fadas. Pois, por meio da identificação com as personagens dessas histórias, que vivem dilemas universais, as crianças encontram um espaço privilegiado de elaboração de suas angústias. Angústias que, enquanto não são vencidas, impedem seu crescimento e convívio saudável com o mundo.

Desde muito cedo, tentamos de uma maneira ou de outra, resolver problemas, responder perguntas sem respostas, consolidar direitos, entender as

questões do mundo e dominar desejos insatisfeitos. Os contos de fadas representam importantes formas de expressão. Exercem importante função no desenvolvimento infantil e auxiliam a criança a conhecer o mundo e a se reconhecer.

Os contos de fadas por meio de suas histórias e fantasias permitem a criança se projetar para a história narrada e passar a entender melhor o mundo em que vive. Podem oferecer novas dimensões para a imaginação da criança, possibilitando-a fantasiar, criar imagens que não seria capaz de descobrir sozinha.

Conforme diz Abramovich

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, é viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!(2001, p.19).

O conto de fadas ao mesmo tempo que proporciona uma diversão para a criança, a esclarece sobre si mesma e desenvolve sua personalidade. A criança começa a solucionar no seu mundo real problemas e dificuldades vivenciados e que são semelhantes aos que ocorrem nas histórias. O enredo dos contos de fadas também reproduz a história de vida das crianças, pois nele o herói sai de casa, passa por privações, enfrenta perigos e conhece a maldade, triunfando no final. Na vida, a criança passa por modificações como precisar sair de casa, desligar-se dos pais, ir para a escola, fazer amigos, saber evitar situações de risco, explorar o mundo a sua volta.

É importante a presença dos contos de fadas na vida da criança, pois levam-na a um contato com imagens de heróis que sozinhos saem para o mundo confiantes, e mesmo tendo que enfrentar obstáculos e perigos, encontram lugar seguro. Por meio desse contato, a criança vivencia, compara-se e é convencida de que mesmo que ela sinta-se abandonada, angustiada, com medo também terá

uma ajuda e conseguirá se relacionar de maneira significativa com o mundo ao seu redor.

A partir do faz-de-conta, a criança modifica sua postura com relação ao mundo em que vive, sente-se mais forte para participar e tomar decisões, aprende a viver com seus conflitos buscando soluções possíveis. Segundo Bettelheim

O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. (1980, p.197).

A apreciação dos contos de fadas não fica restrita somente ao pólo da recepção, aquele momento em que a criança decodifica a mensagem, pois essas narrativas fazem referências a um universo cultural e sua significação permite a criança ir além da proposta do texto.

Ao ler ou ouvir um conto, a criança recorre à sua bagagem, às suas aprendizagens significativas e aos contextos socioculturais e cognitivos que estão ao seu alcance realizando as inferências necessárias. A criança percebe também que pode criar, que pode ser livre por meio da magia de uma história. Há um desenvolvimento do pensamento reflexivo, da comunicação e da socialização que gera um maior crescimento pessoal e uma nova leitura de mundo.

3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1. RELATO DAS ATIVIDADES

A pesquisa realizada foi descritiva, pois foram observados, registrados e analisados dados com o uso da técnica dos protocolos verbais. As observações que nortearam esta pesquisa foram realizadas em turmas da 3ª série do Centro de Ensino Fundamental 308, localizado no Recanto das Emas, que trabalham com a leitura dos contos de fadas e turmas que não realizam essa tarefa, permitindo as análises da leitura de mundo que esses alunos apresentam.

A metodologia utilizada nas turmas que realizaram uma ação pedagógica baseada na leitura e na compreensão dos contos de fadas procurou atender o aluno de forma diversificada, valorizando suas experiências, possibilitando uma relação entre os assuntos abordados em sala e seu cotidiano e permitindo sua participação efetiva na construção do conhecimento.

Os procedimentos didáticos consistiram em:

Incentivações – sempre antes de dar início às aulas, a professora realizava uma atividade que incentivasse o aluno e despertasse seu interesse pelo assunto e pelas tarefas que seriam desenvolvidos. Técnicas como a do “strep tease”, da “caixinha surpresa”, “título vivo”, brincadeira da força e músicas foram utilizadas nesses momentos iniciais das aulas. Sempre acompanhados de questionamentos que levavam o aluno a fazer suposições e a levantar hipóteses sobre a aula do dia.

Apreciações dos contos de fadas – nesse momento, os alunos eram convidados a viajarem para um mundo maravilhoso. Todos deveriam prestar atenção, pois era o momento da história. A professora contava a história com entonação de voz e postura gestual, de modo a chamar a atenção do aluno e envolvê-lo na leitura, as gravuras dos livros eram acessíveis a todos para que

visualizassem o que ouviam. Algumas histórias foram entregues aos alunos, eles deveriam realizar leitura silenciosa, leitura coletiva, leitura intercalada e leitura com a professora.

Atividades propostas – os alunos eram convidados a desenvolver as atividades partindo da história lida. Após cada história, era realizado um debate, uma discussão ou apenas uma pequena conversa informal sobre o enredo da história, sobre o que ela abordava e o que poderia ser trazido para a realidade da sala de aula como o respeito ao ser humano e às diferenças, a valorização dos bons hábitos e dos bons sentimentos, das atitudes e tratamentos adequados às pessoas que possuam algum problema de formação física, social, religiosa, econômica ou cultural.

Foi explicado aos alunos o que era reconto e como realizá-lo, sendo proposto logo em seguida, a confecção de livrinhos com as produções dos alunos. A expressão do pensamento e do sentimento também foi desenvolvida nessas aulas, sendo que o aluno pode produzir diversos trabalhos que requeriam criatividade, autonomia, troca de experiências, expressão oral e expressão artística.

Os alunos puderam prestigiar o trabalho realizado pelas outras turmas, participaram de peças teatrais e de jograis, visitaram a exposição dos livrinhos, das produções e das ilustrações e tiveram um momento de socialização.

3.2. O QUE SÃO PROTOCOLOS VERBAIS?

A metodologia denominada protocolos verbais é baseada na coleta de dados. Segundo Cavalcanti (1989) *apud* (SOUZA, 2001), os protocolos verbais têm sua origem na teoria de solução de problemas, resume-se em o pesquisador pedir ao sujeito que pense alto enquanto realiza uma tarefa.

Olsharvsky, Kavale e Schreiner foram os primeiros a realizarem trabalhos utilizando os protocolos verbais detalhadamente. Olsharvsky descreveu os protocolos verbais como sendo um método que pede ao “sujeito que pense alto enquanto ele resolve um problema, ou seja, pense alto após ler cada oração de um conto”.(Cavalcanti *apud* Sousa, 2001 p.90).

Utilizar os protocolos verbais consiste em gravar em fita cassete a verbalização do indivíduo acerca do que lhe foi solicitado. O pesquisador pede ao sujeito, participante da pesquisa, que pense alto durante o momento que desempenha uma determinada tarefa e grava sua fala, seu pensar alto.

Esse método permite que o pesquisador investigue os passos da realização dessa tarefa por meio da análise do desempenho do indivíduo, considerando os passos dados e os graus de sucesso do mesmo nessa tarefa. Ele ainda permite que seja realizada uma reflexão sobre a verbalização do sujeito, sendo identificados os fatores que subsidiarão a pesquisa e atenderão aos objetivos do pesquisador.

3.3. OBJETIVO DA REALIZAÇÃO DE PROTOCOLOS VERBAIS

A realização de protocolos verbais nesta pesquisa objetiva a análise, por meio da verbalização, da leitura de mundo que os alunos da 3ª série do ensino fundamental de uma escola pública localizada no Recanto das Emas possuem após o trabalho ou não com os Contos de Fadas. Com isso, deseja-se perceber a interferência da leitura dos contos de fadas na forma de leitura de mundo do indivíduo.

3.4. DESCRIÇÃO DE PROTOCOLOS VERBAIS

Para realizar o trabalho com uso de protocolos verbais foram organizados quatro contextos de pesquisas com quatro alunos da 3ª série do ensino fundamental devidamente matriculados no Centro de Ensino fundamental 308 do Recanto das Emas, todos voluntários. Gravaram-se aproximadamente duas horas de protocolos verbais e as gravações de cada voluntário variam de 15 a 25 minutos.

Os quatro alunos ouviram e leram o conto “Uma Idéia Toda Azul”, de Marina Colasanti (1999, p.30). Eles verbalizaram acerca do conto, de sua temática e analogia com a realidade vivenciada. Serão analisados dois protocolos verbais com mais ênfase, um do aluno W.N.S e outro da aluna S.F.S; os demais servirão de pano de fundo para algumas análises breves. Os protocolos verbais foram realizados apenas pela pesquisadora Maria Wanderley, apresentando a seguir somente a transcrição de alguns trechos das verbalizações devido ao pouco tempo destinado à pesquisa.

4. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS.

4.1. PROTOCOLOS VERBAIS E ANÁLISES DO CONTO “UMA IDÉIA TODA AZUL”, DE MARINA COLASANTI.

Os pesquisados foram orientados sobre a tarefa que iriam realizar: a audição e a leitura do conto “Uma Idéia Toda Azul”, de Marina Colasanti. Explicou-se a eles que, primeiramente, ouviriam o conto e depois realizariam a leitura, e que após esses procedimentos eles deveriam fazer um comentário acerca do conto, refletir sobre o mesmo. Este é o momento no qual o leitor verbaliza o seu pensamento sobre o que foi lido, exprime uma opinião, realiza uma reflexão acerca de sua realidade.

No início do trabalho, a pesquisadora apresentou-se aos alunos e esclareceu aos participantes quais eram os objetivos da pesquisa. Eles foram orientados quanto ao processo dos protocolos verbais: audição do conto, leitura, gravação da verbalização, do pensar alto.

Os protocolos aqui apresentados tiveram uma duração de aproximadamente de 45 minutos cada. O primeiro iniciou a verbalização de seu pensamento a respeito do conto. Vejamos o conto lido e, a seguir, a verbalização do aluno:

Uma Idéia Toda Azul

Marina Colasanti

“Um dia o Rei teve uma idéia.

Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela idéia azul, que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda idéia dele toda azul.

Brincaram até o Rei adormecer encostado numa árvore.

Foi acordar tateando a coroa e procurando a idéia, para perceber o perigo. Sozinha no seu sonho, solta e tão bonita, a idéia poderia ter chamado a atenção de alguém. Bastaria esse alguém pegá-la e levar. É tão fácil roubar uma idéia. Quem jamais saberia que já tinha dono?

Com a idéia escondida debaixo do manto, o Rei voltou para o castelo. Esperou a noite. Quando todos os olhos se fecharam, saiu dos seus aposentos, atravessou salões, desceu escadas, subiu degraus, até chegar ao Corredor das Salas do Tempo.

Portas fechadas, e o silêncio.

Que sala escolher?

Diante de cada porta o Rei parava, pensava, e seguia a diante. Até chegar à Sala do Sono.

Abriu. Na sala acolchoada os pés do Rei afundavam até o tornozelo, o olhar se embaraçava em gazes, cortinas e véus pendurados como teias. Sala de quase escuro, sempre igual. O Rei deitou a idéia adormecida na cama de marfim, baixou o cortinado, saiu e trancou a porta.

A chave prendeu no pescoço em grossa corrente. E nunca mais mexeu nela.

O tempo correu seus anos. Idéias o Rei não teve mais, nem sentiu falta, tão ocupado estava em governar. Envelhecia sem perceber, diante dos educados espelhos reais que mentiam a verdade. Apenas sentia-se mais triste e mais só, sem que nunca mais tivesse tido vontade de brincar nos jardins.

Só os ministros viam a velhice do Rei. Quando a cabeça ficou toda branca, disseram-lhe que já podia descansar, e o libertaram do manto.

Posta a coroa sobre a almofada, o Rei logo levou a mão à corrente.

– Ninguém mais se ocupa de mim – dizia atravessando salões e descendo escadas a caminho das Salas do Tempo – ninguém mais me olha. Agora posso buscar minha linda idéia e guardá-la para mim.

Abriu a porta, levantou o cortinado.

Na cama de marfim, a idéia dormia azul como naquele dia.

Como naquele dia, jovem, tão jovem, uma idéia menina. E linda. Mas o Rei não era mais o mesmo daquele dia. Entre ele e a idéia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono. Seus olhos não viam na idéia a mesma graça. Brincar não queria, nem rir. Que fazer com ela? Nunca mais saberiam estar juntos como naquele dia.

Sentado na beira da cama o Rei chorou suas duas últimas lágrimas, as que tinham guardado para a maior tristeza.

Depois baixou o cortinado, e deixando a idéia adormecida, fechou para sempre a porta”.

Protocolo Verbal 01 – transcrição 01 (aluno W.N.S, 9 anos).

“O conto fala de um rei que tinha uma idéia azul... e ele adorou essa idéia... e brincou com ela. Mas depois ele tinha muita coisa pra fazer e... humm... e resolveu guardar a idéia dele. Num quarto fechado, que era a sala do sono... aí... ele botou a idéia lá e saiu pra cuidar do reino e reinou quando já tava bem velhinho se aposentou e... foi procurar a idéia de novo. Aí ele percebeu que ele tava velho e a idéia tava nova, que nem antes. Aí ele viu que não podia mais brincar com ela e resolveu trancar ela pra sempre”.(W.N.S /P.V.).

A verbalização do aluno W.N.S demonstra que o aluno está preocupado em repetir aquilo que o autor falou, resume de uma maneira bem própria a narrativa do conto. Percebe-se que nesse primeiro momento o aluno não fez uma relação entre o conto e sua vivência, apenas relatou os fatos. Para verificar sua compreensão do conto apresentado, a pesquisadora realizou alguns questionamentos.

A pesquisadora perguntou ao aluno: *“Você concorda com a postura do rei em esconder a idéia?”*. O aluno responde a pergunta, ele afirmando que:

“Eu acho que não. Porque ele podia ter contado a idéia para alguém. Não precisava ficar escondendo. Aí alguém podia dar outra idéia pra ele fazer com a idéia dele”. (W.N.S /P.V.).

Nota-se que o aluno não concorda com a ação do rei, e até vê a possibilidade dessa idéia ser aprimorada ou simplesmente executada de forma que tivesse uma melhor utilização.

A pesquisadora continua o questionamento, e pergunta: “*Qual a conseqüência do rei ter escondido a idéia? Isso foi bom ou ruim?*”. O aluno fica pensativo por uns instantes, e responde:

“Humm... é... a conseqüência?... É que nem ele e nem ninguém usou a idéia azul... ele foi ruim tia, egoísta. Não quis dividir a idéia. Aí quando ele lembrou dela, já tava velho e nem brincava mais... [a pesquisadora perguntou novamente se o aluno achou que o fato do rei ter escondido a idéia foi bom ou ruim] ah, foi ruim, né? Porque ele não brincou mais com a idéia e nem deu ela pra ninguém”. (W.N.S /P.V.).

Percebe-se nessa verbalização que o aluno já traz a referência que ele possui da vida humana, ele compara o comportamento do rei ao das pessoas com as quais convive e já o define como um ser egoísta. O aluno faz uma inferência partindo do seu próprio conhecimento de mundo.

O aluno W.N.S já participou de atividades com os contos de fadas e de debates sobre eles, já possui uma relação diferente com os textos orais ou escritos. Uma vez que os contos estimulam uma leitura mais reflexiva e uma maior interação com a história, com os outros e com o mundo.

Nota-se, entretanto, que alunos que não possuem esse contato com a leitura dos contos limita-se apenas em recontar a narrativa, fica preso aos fatos

relatados e não faz uma assimilação direta com a realidade em que vive. Como mostra a fala da aluna S.F.S, 9 anos.

Protocolo Verbal 01 – transcrição 02 (aluna S.F.S, 9 anos).

“A história fala de um velho que brincou, depois ficou mais velho e não podia brincar mais... aí ele prendeu a idéia que brincava com ele pra sempre. Pronto. Ah, ele era o rei”.
(S.F.S /P.V.).

A aluna S.F.S faz um relato simplório da narrativa, demonstra ter ficado fascinada apenas com a pessoa do rei, como ele era e como ficou com o decorrer do tempo, não se preocupou com a idéia. Como se esse elemento não tivesse significado algum para o desenrolar do conto.

A pesquisadora após a fala da aluna, perguntou “*Onde se passou essa história?*”.

Protocolo Verbal 01 – transcrição 02 (aluna S.F.S, 9 anos).

“A história... foi no jardim”. (S.F.S /P.V.).

A aluna rapidamente responde que a história ocorreu no jardim, ela não citou que esse jardim era de um castelo no qual o rei morava. Percebe-se que a aluna se prende apenas a parte da história que mais gostou, ela não se preocupa com o resto, mas lembra-se que depois, o rei envelheceu e trancou a idéia para sempre, porque ele não podia mais brincar com ela.

Foi perguntado a aluna se o fato do rei ter trancado a idéia para sempre foi bom ou ruim e quais as conseqüências dessa atitude, ela respondeu:

Protocolo Verbal 01 – transcrição 02 (aluna S.F.S, 9 anos).

“Ah... não sei, ele não ia mais brincar com ela mesmo. Tava velho.”. (S.F.S /P.V.).

Nota-se nas verbalizações da aluna S.F.S que ela não relaciona a história ao seu cotidiano, ficando à parte das conseqüências que a atitude do rei trouxe para ele e para os outros. Ela analisa o conto apenas do ponto de vista de que o rei brincou, envelheceu e não brinca mais, ele era o rei e suas atitudes não poderiam ser contestadas.

Percebe-se que a aluna ainda não compreende o sentido dos conceitos éticos abstratos, possui uma leitura superficial, mecânica. Não relaciona o que ouve ou lê com o que vive.

Analisando a verbalização de um fragmento do conto, verifica-se que os alunos que não tiveram oportunidade de trabalhar com os contos de fadas possuem uma visão restrita à narrativa, à seqüência dos fatos e ao espaço em que eles acontecem.

Fragmento 01

Com a idéia escondida debaixo do manto, o Rei voltou para o castelo. Esperou a noite. Quando todos os olhos se fecharam, saiu dos seus aposentos, atravessou salões, desceu escadas, subiu degraus, até chegar ao Corredor das Salas do Tempo.

Portas fechadas, e o silêncio.

Que sala escolher?

Diante de cada porta o Rei parava, pensava, e seguia a diante. Até chegar à Sala do Sono. (U. I.T. A).

Protocolo Verbal 02 – transcrição 01 (aluno W.N.S, 9 anos).

“O rei de noite colocou a idéia de baixo do manto pra ninguém ver... aí saiu rodando o castelo todo procurando um lugar pra esconder a idéia. Ai andou, andou e encontrou a sala do sono e colocou a idéia lá pra ficar dormindo... e ninguém brincar com ela”. (W.N.S /P.V.).

Na verbalização do aluno W.N.S, pode-se verificar que ele além de identificar o tempo e o espaço em que ocorrem os fatos, percebeu a idéia abstrata da narrativa, a qual o rei esconde a idéia em uma sala distante para evitar que alguém brinque com ela, ou seja, utilize essa idéia.

Já nas transcrições abaixo, percebe-se que os alunos abstraíram apenas a idéia principal do rei ter escondido a idéia, não ficaram atentos aos elementos como o tanto que o rei procurou uma sala isolada, a maneira que ele escondeu a idéia (no manto) e a escolha da sala do sono.

Transcrevem-se abaixo dois trechos de verbalizações de dois alunos sobre o fragmento 01.

“O rei pegou a idéia e escondeu na sala”. (S.F.S, 9 anos /P.V.).

“O rei foi pro castelo... e aí escondeu a idéia dele”. (K.L, 9 anos /P.V.).

Percebe-se nas duas verbalizações transcritas neste contexto, que nesse primeiro momento os alunos apenas observam o que o rei fez, eles não buscam relacionar a atitude do rei com a sua intenção e apenas descrevem que ele escondeu a idéia, sem perceber que o rei escondia a idéia para que ninguém mais a encontrasse, que estava sendo egoísta por não compartilhá-la com os outros.

No entanto, observando o pensar alto do aluno W.N.S notamos que ele busca estabelecer relações, argumenta mais sobre o texto e percebe nesse fragmento lido um dos objetivos do rei que era não permitir que ninguém mais utilizasse a idéia.

Esse aluno demonstra-se mais desinibido e argumenta sobre seu pensar de maneira segura. Ele nota que o texto fala de uma situação que ocorre no seu cotidiano. Para ilustrar, transcreve-se abaixo a resposta que este aluno deu a pesquisadora quando ela perguntou: *“Você acha que há outras pessoas que agem como esse rei?”*

Protocolo Verbal 02 – transcrição 01 (aluno W.N.S, 9 anos).

“Ah... eu acho que sim. Tem gente que também esconde as coisas dos outros, não deixa brincar... não deixa... eh...pegar emprestado. Acha que a gente vai roubar, estragar... tem gente que é ruim”. (W.N.S /P.V.).

Quando o aluno W.N.S responde essa pergunta, percebe-se que sua leitura de mundo foi mais aprofundada, ele analisou a mensagem que o autor transmitiu. Fica claro que o aluno mentalizou essas imagens descritas no conto e expressou-se acerca delas.

Já a aluna S.F.S respondendo o mesmo questionamento deixa claro a percepção de que ainda está presa apenas ao texto, não analisa o contexto geral, vê somente os significados concretos, ela percebe a estrutura superficial do texto.

Para ilustrar, transcreve-se abaixo o fragmento da transcrição 02 sobre a pergunta realizada:

Protocolo Verbal 02 – transcrição 02 (aluna S.F.S, 9 anos).

“Ah... não sei, acho que sim. Tem gente que quer brincar sozinho”. (S.F.S /P.V.).

Analisando a verbalização de um segundo fragmento do texto, verifica-se que o aluno W.N.S mantém a sua leitura de mundo, ele argumenta sobre o tema central do conto, realizando comentários e reflexões mais críticas.

Fragmento 02

Como naquele dia, jovem, tão jovem, uma idéia menina. E linda. Mas o Rei não era mais o mesmo daquele dia. Entre ele e a idéia estava todo o tempo passado lá fora, o tempo todo parado na Sala do Sono. Seus olhos não viam na idéia a mesma graça. Brincar não queria, nem rir. Que fazer com ela? Nunca mais saberiam estar juntos como naquele dia”. (U.I.T.A.).

Protocolo Verbal 03 – transcrição 01 (W.N.S, 9 anos).

“Naquele dia o rei percebeu que não podia mais brincar com a idéia dele... porque ele já tava velho e ela novinha. Aí, ele viu que tinha feito errado, que o tempo tinha passado, e ninguém mais tinha brincado com a idéia. E agora ele tava velho e não tinha mais graça nenhuma brincar”. (W.N.S /P.V.).

Durante a pausa da leitura, o aluno W.N.S verbalizou muito. Ele não se intimida, parece gostar de sua voz estar sendo gravada. Demonstrou facilidade e desenvoltura para interpretar o conto, percebeu os significados abstratos do texto quando resumiu:

“Também né tia, o rei é vacilão. Não quis brincar com a idéia antes só pra não dividir com ninguém... é egoísta. Agora tá

velho aí... o tempo passou né? Ele devia era dar a idéia pra alguma criança". (W.N.S /P.V.).

Nota-se que o aluno W.N.S retoma sua afirmação anterior ao dizer que o rei foi egoísta, não dividindo a idéia com ninguém. Ele realmente faz uma leitura crítica do conto demonstrando em seu pensar alto que as atitudes do rei são semelhantes às das pessoas com as quais ele convive, o aluno nota que o tempo passou e discorda do final do conto ao sugerir que o rei repasse a idéia para outra pessoa, no caso, uma criança. Ou seja, ele imagina que como a idéia estava nova o correto seria que uma criança ficasse com ela.

Já as verbalizações dos alunos S.F.S e K.L, retratam a verdadeira realidade daqueles que não tiveram acesso a leitura dos contos de fadas. Eles se mantêm presos a narrativa, fazendo uma leitura superficial dos contos, não realizando associações e nem estabelecendo relações com o cotidiano e pouco desenvolvendo sua leitura de mundo.

Analisando as verbalizações do aluno W.N.S de uma turma que já estudou os contos de fadas em sala de aula e as que não estudaram, nota-se que o uso dos contos de fadas na aula pode permitir que a criança libere sua imaginação, transpondo a história lida para sua história de vida. Nas verbalizações do aluno W.N.S. foi possível perceber a facilidade que o aluno que teve contato com os contos tem em argumentar sobre os mesmos, ele vê que há algo além do texto, abstrai e relaciona o conteúdo abordado com as atitudes humanas.

Os protocolos verbais realizados com as turmas que tiveram contato com os contos de fadas e as que não tiveram resultaram em contextos de interpretação de texto pouco produtivos, já que os alunos, em sua maioria, não demonstraram uma independência na atividade de leitura de mundo. No entanto, analisando as verbalizações do aluno W.N.S compreende-se que a leitura dos contos de fadas é uma prática que deve ser realizada constantemente, pois é uma literatura que

dirige a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação assim como também tem a possibilidade de sugerir experiências necessárias para a formação e desenvolvimento do seu senso crítico e de seu caráter. Ele demonstrou uma desenvoltura que é fruto da oportunidade adquirida por meio de exercícios cotidianos, por meio do desenvolvimento do gosto e do interesse pelo ato de ouvir e ler histórias.

Averiguou-se com a realização dos protocolos verbais, com os alunos da 3ª série do ensino fundamental de uma escola pública situada no Recanto das Emas, que o lidar com a dicotomia do real e do imaginário, do bem e do mal, com a fantasia e com os demais aspectos que envolvem os contos de fadas, é um recurso fundamental no processo de desenvolvimento humano. As observações realizadas nos comprovam que a partir das narrativas dos contos, a criança pode criar e recriar, ser livre podendo externar pensamentos e desejos, vencer conflitos e tornar-se capaz de lutar por suas opiniões e defender aquilo em que acredita.

Na escola, é possível por meio do uso dos contos de fadas, amenizar as deficiências do sistema educacional. Cabe à escola buscar a verdadeira formação do leitor, procurar por meio de projetos e ações educativas tornar esse leitor capaz de compreender o sentido real dos textos lidos, tornando-se crítico perante tudo o que lê. Sendo os contos de fadas um universo rico e propício para o desenvolvimento moral, social e intelectual do educando.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso dos contos de fadas auxilia a criança no seu processo de desenvolvimento e a escola não pode deixar de utilizar esse recurso tão rico e atrativo. Em uma linguagem clara e acessível ao público infantil, os contos mostram à criança questões humanas, vivenciadas por ela, às quais ela não tem condições de resolver sozinha.

As narrativas dos contos, por meio das formas simbólicas, permitem que a criança exteriorize seus anseios, medos e necessidades. Pois ela precisa do pensamento mágico contido nos contos de fadas que falam dos problemas interiores dos seres humanos e sobre as soluções corretas para sua convivência em qualquer sociedade.

A pergunta que norteou o estudo foi: Como os contos de fadas podem interferir na leitura de mundo do indivíduo nas séries iniciais? Finalizada a pesquisa, pode-se concluir que os contos de fadas se expandem pelo processo de compreensão, a criança utiliza então seu conhecimento prévio, dialoga com suas idéias, acrescenta novos horizontes à sua vida, constrói uma idéia sobre a narrativa do conto e extrai dela o que julga importante, tudo de acordo com seus interesses.

Objetivou-se também nesta pesquisa, averiguar e verificar a leitura de mundo que os alunos da 3ª série do ensino fundamental, que tiveram ou não contato com os contos de fadas, apresentam. Finalizada a pesquisa, notou-se que os alunos que ainda não tiveram um contato contínuo com a leitura e a apreciação dos contos de fadas estão presos à narrativa, fazendo uma leitura superficial dos contos, e não demonstrando uma compreensão total do texto. Já os alunos que tiveram a oportunidade de interagir com os contos, demonstraram que possuem uma relação diferente com os textos orais ou escritos. Mostraram uma maior

compreensão do texto, realizando inferências partindo do seu próprio conhecimento de mundo.

A leitura e a apreciação dos contos de fadas devem ser consideradas como um ato de prazer, de descoberta, de construção da identidade e da autonomia, do conhecimento de mundo e de si mesmo.

A difícil missão de utilizar os contos para desenvolver uma melhor leitura de mundo deve estar fundamentada em uma metodologia ativa e reflexiva, que seja baseada no interesse do aluno, na flexibilidade do professor ao orientar a classe, na individualidade do aluno, na conscientização da importância da leitura, nos objetivos claros e coerentes, na compreensão da realidade e em todas as estratégias capazes de aproximar o leitor do texto, de seu contexto e do mundo.

É preciso resgatar as histórias infantis, evitar transformá-las em meras tarefas escolares, pois assim perdem sua função lúdica e estética e impedem que as emoções sejam vivenciadas. Não é o contar ou não contar uma história de fadas o que importa, mas a forma como isso é feito e sua finalidade dentro de uma instituição escolar. É necessário que a educação acolha a fantasia e a criatividade, que professores possam compartilhar com as crianças seu conhecimento e enfrentar a incerteza e o desconhecido juntamente com elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2003.

_____. **Literatura Infantil**. 5º ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COLASANTI, Marina. **Uma Idéia Toda Azul**. 19 ed. São Paulo: Global, 1999.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1997.

MELO, Ana Maria Lisboa; TURCHI, Maria Zaira e SILVA, Vera Maria Tietzman. **Literatura Infanto Juvenil: Prosa e Poesia**. Coleção Horus. São Paulo: UFG, 1998.

PAZOS, Vanda Inês da Silva. **Literatura Infanto – Juvenil**. In: FÉLIX, Joana d’Arc Bicalho. Componente Curricular: Aprendendo a Aprender. Brasília: UNICEUB, 2004.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. ***Gênero textual “mediacional”: um texto interativo e envolvente na perspectiva de um contexto específico***. Brasília: UNB, 2001. (Dissertação de mestrado)

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.